

Shiva Ryu

Autor com 1,4 milhão de livros vendidos

**Não ponha
um ponto final
onde Deus
pôs uma vírgula**

Histórias de sabedoria e inspiração



SEXTANTE

Prólogo

Autor da sua própria vida

O monte Kailash, no planalto tibetano, é um local de peregrinação para diversas religiões. Reza a lenda que o deus Shiva mora em seu extraordinário cume nevado. Passa grande parte do tempo meditando e praticando exercícios ascéticos, por isso não é de admirar que sua esposa, a deusa Parvati, se sinta constantemente entediada.

Certo dia, não aguentando mais, Parvati pediu ao marido:

– Conte-me uma história empolgante, por favor.

– Contarei, se é o que deseja – respondeu Shiva.

– Mas tem que ser uma história muito especial, específica para mim. Precisa ser totalmente inédita, que nenhuma alma deste mundo tenha escutado até hoje – exigiu ela.

Shiva concordou e começou a contar uma história repleta de significado e ensinamentos. Parvati ficou tão empolgada que pediu uma segunda história antes mesmo de Shiva terminar a primeira.

Shiva então contou outra história, depois outra e mais outra. Só parou quando as pálpebras de Parvati começaram a pesar e ela pegou no sono.

Mas Parvati não tinha sido a única a escutar o relato de Shiva. Em dado momento um criado tinha ido entregar ao deus uma mensagem e, ao ouvi-lo falar, parou à porta antes de abri-la. Ficou tão fascinado com o que ouvia que não resistiu à tentação

de continuar escutando escondido. Encostou a orelha na porta e também ouviu todas as histórias. Em seguida, correu para casa e passou a noite inteira desfiando todas aquelas narrativas cativantes para sua mulher, como se ele próprio as tivesse inventado.

A mulher do criado, por sua vez, era criada de Parvati. Na manhã seguinte, enquanto escovava o cabelo da deusa, começou a contar as histórias que ouvira do marido na noite anterior.

Assim que a mulher pronunciou as primeiras palavras, Parvati se levantou e, furiosa, foi até Shiva e perguntou:

– Você não prometeu que me contaria histórias que ninguém no mundo ainda tivesse ouvido?

– Sim, prometi e cumpri a promessa – respondeu Shiva, apreensivo.

– Então, como até a minha criada as conhece?

Shiva chamou a mulher e pediu explicações:

– Quem lhe contou essas histórias?

– Foi o meu marido – respondeu ela, gaguejando.

O marido foi chamado imediatamente. Com as pernas bambas, confessou:

– Na verdade, ontem à noite eu estava vindo lhe trazer uma mensagem e acabei ficando parado à porta, escutando as histórias. Não fiz com má intenção, mas a primeira que ouvi foi tão interessante que não pude deixar de escutar as outras. Simplesmente não consegui me afastar dali até o final.

Shiva se acalmou, mas ordenou ao criado:

– Se é assim, você vai descer o monte Kailash, vagar pelo mundo dos homens e contar a todos as histórias que ouviu. E nunca mais pense em voltar aqui!

O criado foi expulso do templo no alto dos Himalaias e, desde então, percorre o mundo contando as histórias de Shiva.

A meu ver, os escritores têm o mesmo destino do criado de Shiva: narrar histórias sempre novas e interessantes – histórias

carregadas de sentido, criadas para mostrar o caminho para a iluminação. E precisam instigar o leitor a querer descobrir a segunda história após terminar a primeira.

Cada um de nós é autor de sua própria vida. Só nós mesmos podemos saber que histórias a nossa existência escreve a cada momento, o que elas significam e se elas são empolgantes o bastante para nos fazer virar a próxima página.

Que a leitura deste livro lhe proporcione momentos de alegria!

— SHIVA RYU

Parte 1

Se o que nós queremos é viver a vida em busca de certezas e seguranças, então estamos no planeta errado. No momento em que nos agarramos às certezas, a vida nos atira em um precipício. Se o destino nos derruba, é porque está na hora de iniciarmos uma vida nova. A perda e a despedida sempre têm um sentido – Deus escreve certo por linhas tortas.

○ estúpido que pega chuva

Eu estava no último semestre da faculdade quando um amigo me falou de um alojamento muito barato numa casa administrada por uma comunidade religiosa perto da província de Gyeonggi, na Coreia do Sul. Aluguei sem ir ver primeiro. Era um quarto minúsculo num imóvel caindo aos pedaços, mas o sol entrava pela janela de forma agradável e eu podia fechar a porta e ficar sozinho. Além disso, perto dali corria um rio, o que, para mim, que na época fazia faculdade de Letras, representava uma dádiva dos céus. À noite eu escrevia poemas e de dia passeava pelas redondezas, em vez de ir às aulas.

Infelizmente, minha sorte não durou muito tempo. Os vizinhos tinham um pé atrás comigo. Para eles, eu era um estranho cabeludo que andava de casaco preto mesmo no verão (o quarto era frio), caminhava por suas paisagens sagradas e falava sozinho como um louco (eu recitava poemas). Certo dia, de manhã bem cedo, fui surpreendido pela chegada de várias pessoas juntas. Elas entraram no meu quarto sem tirar os calçados, como se aquele não fosse um lugar sagrado ou inviolável, e exigiram que eu fosse embora da comunidade imediatamente.

Com toda a educação, expliquei que havia pagado alguns meses de aluguel antecipadamente e que, por isso, tinha o direito de permanecer ali. Quase num tom de súplica, acrescentei que, se fosse possível, gostaria de ficar por mais tempo, pois adorava a

região. Confessei ser poeta, mas isso piorou bastante a situação. Como estavam furiosos, em vez de “Shiin” (“poeta” em coreano), eles entenderam “Shin” (“Deus”). Na mesma hora começaram a gritar: “Você é o diabo! Vá embora daqui imediatamente!” Uma mulher chegou a apontar para o céu e gritar que eu devia temer a ira de Deus.

Ser chamado de “diabo” foi como uma punhalada no meu coração. Ao longo da faculdade eu havia escrito pouquíssimos poemas bons, e agora tinha que deixar o quarto sem sequer reaver o dinheiro dos alugueis antecipados. Para outros aquele valor não era nada, mas para mim era tudo. As pessoas ficaram ali, de braços cruzados, sem tirar os olhos de mim enquanto eu arrumava as coisas para ir embora. Na verdade, para eles eu não passava de um estranho que se intrometera na comunidade deles sem ser convidado. A sensação era de que ninguém no mundo me queria por perto.

Mas Deus não havia se esquecido de mim. Sem casa e sem ter a menor ideia de onde ficar, eu peguei uma estrada de terra e por acaso deparei com um colega de grupo de teatro que morava na região. De início, quando me viu andando sem rumo, carregando um monte de livros e uma manta dobrada, ele ficou desconfiado. Meu aspecto destoava daquela paisagem maravilhosa. Mas ao descobrir o que havia acontecido e perceber que eu estava exausto, ele me levou à sua casa e me ofereceu um copo de água com mel. Em seguida, andou pela vizinhança para perguntar se alguém poderia me hospedar.

Graças a ele, consegui alugar um barracão no meio de um milharal à margem de um rio. Ali eu me sentia seguro, pois estava distante do vilarejo – o que diminuía o risco de ser expulso novamente – e tinha um amigo nas redondezas. Quando eu precisava ele me oferecia um copo de água com mel. Eu não tinha motivos para me queixar da nova moradia, a não ser a fal-

ta de eletricidade. Tive que me contentar com a luz de velas. À noite, eu contemplava a dança das chamas ou escrevia poemas. De dia, dava longos passeios recitando versos de Rimbaud ou de Mallarmé.

Era época das monções de verão. Certo dia, nuvens carregadas se aproximaram da área, e começou a trovejar. De início pensei que não passaria de ameaça, mas no fim da tarde abriram-se as comportas do céu. A chuva batia com força no telhado, a ponto de me impedir de dormir. No meio da madrugada, abri a porta e tomei um susto: a chuva torrencial fazia o nível da água subir sem parar. O milharal e o barracão pareciam prestes a ser tragados pelo rio. Estava escuro e ainda faltava um bom tempo para amanhecer, mas as águas caudalosas subiam tão rápido e formavam uma espuma tão terrível que fiquei apavorado.

Tudo isso estava acontecendo num momento da minha vida em que o chão desaparecia sob os meus pés. Eu estava prestes a terminar a faculdade, mas o que viria a seguir parecia ser um desafio ainda maior do que tudo o que vivera até então. Eu não tinha meta para o futuro. E ali estava eu, diante daquele rio bravo que ameaçava me carregar.

Minha situação era desesperadora. O pânico tomou conta de mim, mas só eu poderia me ajudar e me libertar dos meus medos. E foi ali, à porta do velho barracão, vendo o rio se aproximar, que me ocorreu um pensamento: “Eu sou um poeta!”

E de repente me dei conta de que eu precisava sobreviver a tudo o que estava acontecendo para poder escrever sobre aquilo. Isso despertou meu desejo de viver.

Existe algo mais apropriado a um poeta do que escrever poemas à luz de velas, no meio de uma tempestade? Eu só sobrevivi à escuridão da noite, totalmente sozinho, à margem daquele rio transbordante e correndo o risco de pegar uma pneumonia na chuva por ser poeta. Em seu livro *Escrevendo com a alma*, Natalie

Goldberg afirma que, quando cai uma chuva, o ser humano normal abre o guarda-chuva ou corre com um jornal sobre a cabeça para algum lugar seco; só um escritor é estúpido o bastante para ficar sob a chuva. Em vez de tentar se proteger ou de correr para um lugar abrigado, o poeta observa as gotas da chuva, fascinado com os padrões que elas formam ao cair nas poças. Esse é o momento de contemplação do poeta.

Naquela noite, sozinho à margem do rio que subia sem parar, sentindo o chão literalmente desaparecer sob meus pés, decidi que pararia de fugir. Decidi deixar as grossas gotas de chuva caírem no meu rosto para fazer jus à minha vocação de escritor. Desde então, o desassossego e a solidão se transformaram em adjetivos e advérbios nos meus poemas. Naquele momento, eu me senti verdadeiramente o Deus do meu pequeno mundo.

Em *O alquimista*, de Paulo Coelho, Santiago se opõe ao desejo do pai, pede permissão para se tornar pastor de ovelhas e parte em busca do tesouro que viu num sonho. Porém, em Tânger, Marrocos, é trapaceado e perde todo o dinheiro que obteve com a venda das ovelhas. Ali estava ele, no meio de um mercado numa terra estranha, sem dinheiro, furioso e desesperado. Sem um centavo sequer.

Mas em dado momento ele muda a forma de enxergar a situação, deixa de se ver como vítima de um vigarista. Agora é um aventureiro que está ali de passagem, que sabe que para encontrar seu tesouro precisa passar por esse tipo de provação. Com isso, recupera a coragem e o prazer de viajar. Ele sai fortalecido e enfrenta o momento presente, em vez de pensar naquilo que perdeu.

Às vezes a vida nos reserva coisas muito piores do que um vigarista. Quando isso acontece, nos sentimos como uma alma que precisou fazer um pouso de emergência num planeta estranho e não sabe para onde ir. Santiago inveja o vento, que pode voar

para qualquer lado com toda a liberdade, e então percebe que nada pode detê-lo em sua aventura.

Quando amamos nossa vocação, amamos o mundo. Naquela noite, quando saí do abrigo e fiquei debaixo da chuva, recitei poemas com todo o meu coração. Naquele momento, ficou claro para mim que não sou uma pessoa desorientada ou um demônio que foi escorraçado por um grupo de religiosos. Sou um poeta. As gotas de chuva que batiam no meu rosto, as rajadas de vento que faziam os pés de milho farfalharem, até a cal que escorria pelo parapeito – de repente, eu sentia tudo isso como uma bênção. Também entendi que nem todos são abençoados por um momento desses, repleto de poesia.

Era isso que a vida queria me dizer. O que vivi naquela noite nunca mais saiu do meu pensamento. Não importa onde eu esteja nem o que aconteça, só preciso me lembrar de que sou poeta, e com isso sou capaz de encarar tudo de peito aberto. Aquele momento foi um presente da vida. Graças a ele consigo escrever e manter o foco em tudo o que é verdadeiramente belo e precioso na existência.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

